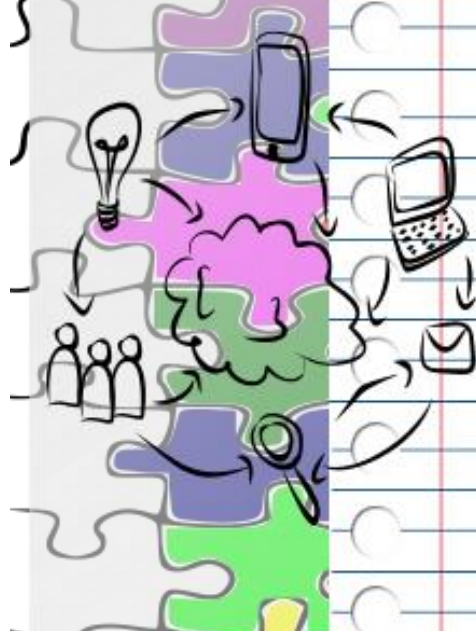


EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: NO CONTEXTO ESCOLAR



**MATERIAL ELABORADO POR ELIZABETE
FRANÇA E ADRIANA MASSAÊ KATAOKA
COMO PARTE DO TRABALHO DESENVOLVIDO
NO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO
DE CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA -
UNICENTRO**



**Esse material visa
propor a
educomunicação
socioambiental
como uma
ferramenta de
ensino para
inserção da
Educação
Ambiental (EA)
no contexto
escolar a luz dos
princípios da EA
crítica.**

Sumário

Apresentação.....	3
Referencial teórico	4
Educomunicação socioambiental.....	4
Educação ambiental crítica: bases teóricas	9
Sugestão metodológica para elaboração de peças educacionais	14
Passo 1: levantamento do tema gerador	15
Passo 2: diagnóstico socioambiental participativo	16
Passo 3: escolha do tipo da peça e aprofundamento teórico do tema	19
Passo 4: levantamento de dados e construção de um banco de informações	23
Passo 5: Divulgação	24
Referências bibliográficas.....	25
Anexos.....	27
Anexo 1: Tutorial do programa <i>Scribus</i>	28
Anexo2: Folder Medicina Alternativa: benzedeiros.....	41
Anexo 3: Folder Atividades com plantas realizadas no Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha.....	44
Anexo 4: Folder Domínio Morfoclimático do Distrito da Palmeirinha	45

APRESENTAÇÃO

Caro professor (a) este material paradidático é produto da pesquisa intitulada Educomunicação Socioambiental: uma proposta metodológica para inserção da educação ambiental crítica no contexto escolar” e visa subsidiar um ensaio teórico e prático para a produção de peças educ comunicativas aproximando o campo da Educação Ambiental (EA) Crítica ao contexto escolar. O material apresenta um referencial teórico sobre a educomunicação socioambiental e sobre a EA crítica visando fundamentar a prática educ comunicativa a ser desenvolvida no meio escolar.

Além do referencial teórico o paradidático também apresenta, como sugestão, um caminho metodológico a ser percorrido para a elaboração de peças educ comunicativas, e em anexo exibe um tutorial do programa de edição de textos Scribus 1.4 como sugestão de um programa para formatação de peças educ comunicativas impressas como jornais, folders, cartilhas entre outras.

Elizabete França

1. Referencial Teórico

1.1 Educomunicação Socioambiental

A educomunicação é um novo campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social (SOARES, 20) que une dois campos já consolidados: o campo da educação e o campo da comunicação, cujo objetivos são próprios e estão sendo construídos primeiramente em espaços populares e recentemente em espaços acadêmicos. Os olhares dos campos secularmente estabelecidos da educação e da comunicação se entrecruzam com frequência, a interconexão entre eles é requerida pelas próprias exigências da vida em sociedade (SOARES, 2011).

Historicamente o campo da educomunicação procura legitimar a comunicação popular que teve sua origem em espaços populares, nos anos de 1970 e 1980 na Venezuela, no Uruguai, na Argentina, no Chile, Cuba e Brasil onde tal ofício, já era perpetuado por pessoas chamadas de comunicadores populares (COSTA, 2008), que:

Desenvolveram projetos com comunidades rurais, urbanas, indígenas, etc., com o objetivo de promover a expressão popular através dos meios de comunicação ou através de práticas artísticas (nesse sentido, o teatro estava muito presente). Para essas atividades, deu-se o nome de processos comunicacionais ou trabalhos desenvolvidos em Comunicação e Educação (COSTA, 2008, p. 12).

Nas décadas de 1970 e 1980 o conteúdo da comunicação popular centrava-se na proposta de contestação ao *status quo*, conscientização política e organização para transformação da sociedade capitalista. Atualmente, apesar de algumas premissas continuarem vivas, a conjuntura é outra e as preocupações das pessoas também, e assim vão sendo incluídas novas temáticas e mudando as linguagens e os tipos de canais adequados ao momento atual (PERUZZO, 1998).

Entre as principais características da comunicação popular estão a opção de colocar os meios de comunicação a serviço dos interesses populares, desvelando o direto à comunicação, a

transmissão de conteúdos a partir de novas fontes de informação, a comunicação é mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social, enfim abre a possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo (PERUZZO, 2007).

Soares (2011) afirma que a Educomunicação não nasceu na universidade, mas da prática e principalmente da militância – nasce de processos políticos e ideológicos. (COSTA, 2008). “Ainda hoje a comunicação comunitária que vem sendo gestada no contexto dos movimentos populares é produzida no âmbito das comunidades e de agrupamentos sociais com identidades e interesses comuns” (PERUZZO, 2007, p. 22).

A educomunicação além de se fundamentar nos pressupostos teóricos da comunicação popular, fundamenta-se também no modelo de educação, que baseia-se na educação como processo central para a democracia e como instrumento para a transformação da sociedade cunhado por Paulo Freire, classificada por Mário Kaplún (1992) como educação processual, classificação essa que vê a educação como um processo permanente, em que o sujeito vai descobrindo, elaborando, reinventando, fazendo do conhecimento algo seu. Um processo de ação-reflexão-ação que o educando produz a partir de sua realidade, a partir de sua experiência, desde sua prática social, juntamente com todos os outros que participam desse processo (COSTA, 2008).

Como dito anteriormente:

Os pressupostos da educação processual são, declaradamente por Kaplún, fundamentados em Paulo Freire. O papel do educador, na educação processual, é de acompanhar o educando, estimular o processo de análise e reflexão para facilitar, mas também para aprender e construir junto. A estratégia é a problematização, que deve auxiliar a pessoa a desmistificar sua realidade, tanto física como social (COSTA, 2008, p. 14).

A educação nessa perspectiva, que também é a perspectiva adotada pela educomunicação, nunca é individual, mas sempre grupal. Ninguém se educa sozinho, mas através de experiências compartilhadas, na integração com os outros. Esse tipo de educação pode até utilizar recursos audiovisuais ou outros recursos tecnológicos. Não somente para reforçar conteúdos, mas sim para

problematizar e estimular discussões, diálogos, reflexões e a participação dos envolvidos (COSTA, 2008).

O campo da educomunicação, propriamente dito, surgiu em 1999 com a apresentação do relatório final do Projeto Perfil coordenado por Ismar Soares, docente atuante do Núcleo de Comunicação e Educação da USP, que apresentou academicamente o termo educomunicação se referindo ao mesmo como um campo emergente de intervenção social sistematizando a educomunicação em cinco áreas a saber:

- expressão comunicativa através do uso dos recursos da informação e das artes;
- educação para a comunicação, configurada nos esforços sistemáticos de educadores no sentido de colaborar com os usuários dos meios massivos na formação do que Paulo Freire chamou de “consciência crítica”, frente às mensagens editadas e veiculadas por poderosos sistemas de comunicação;
- mediação tecnológica nos espaços educativos, constituída pelos esforços no sentido de identificar a natureza da interatividade propiciada pelos novos instrumentos da comunicação e de democratizar o acesso às tecnologias, desmistificando-as e colocando-as a serviço de toda a sociedade;
- gestão da comunicação nos espaços educativos, caracterizada pela abordagem sistêmica das relações entre os recursos da comunicação e as atividades humanas, garantindo um planejamento e uma implementação organizada dos recursos da informação destinada a garantir a eficácia na construção dos ecossistemas comunicativos – a subárea da gestão da comunicação nos espaços educativos é a que garante coordenação e eficiência às demais áreas, permitindo que se obtenha visibilidade para as ações educacionais;
- reflexão epistemológica sobre o campo da Educomunicação, que inclui a pesquisa e a avaliação sistemática, destinadas a compreender a complexidade das relações entre Comunicação e Educação (COSTA, 2008, p. 16).

Segundo Soares (2006) convém ressaltar a opção pelo termo campo e não pelo termo ciência. É que a ideia de campo permite considerar um espaço amplo sem construções antigas e, não raro, antiquadas, impedindo que se levantem novos edifícios com maior ventilação e clareza.

Por essência, a educomunicação, é prática e define-se como conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos. Ecologicamente um ecossistema pode ser definido como a inter-relação entre o meio físico e biológico, metaforicamente, também no meio social existem ecossistemas, e constantemente pessoas (individual ou coletivamente) se deparam com ecossistemas, convivendo a partir de regras que se estabelecem conformando determinada cultura comunicativa (SOARES, 2011).

Esse novo campo do conhecimento, faz opção pela construção de modalidades criativas de relacionamento, colaborando, dessa maneira, para que as regras que conduzem o convívio passem a reconhecer a força do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência (SOARES, 2011), fortalecendo assim ecossistemas comunicativos.

Tendo a educomunicação se mostrado em espaços populares e acadêmicos, atrativa ao olhar, principalmente, dos jovens e adolescentes, o Ministério do Meio Ambiente em 2008 lançou o material intitulado Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação, organizado por Francisco de Assis Moraes da Costa, legitimando a educomunicação como prática no âmbito da EA.

Tal conceito é uma expressão nova que está ganhando espaço no campo da EA e é definido como um conjunto de ações e valores marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo (COSTA, 2008). Segundo Soares (2011) na definição de tal conceito a indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer/pensar dos atos educativos e comunicativos é justamente ressaltada pelo termo “socioambiental”.

A interface socioambiental da educomunicação se fundamenta, entre outros aspectos, na legitimação do Artigo 3º da Lei 9795/1999 (BRASIL, 1999), que faz referência à área de comunicação nos processos educativos ao afirmar que:

Art. 3º Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm o direito à EA, incumbindo: IV – aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação (BRASIL, 1999, p. 2).

A educomunicação em seu viés socioambiental apresenta princípios norteadores sendo eles: (1) o compromisso com o diálogo permanente e continuado; (2) compromisso com a interatividade e a produção participativa de conteúdos; (3) compromisso com a transversalidade; (4) compromisso com o encontro e diálogo de saberes; (5) compromisso com a proteção e a valorização do conhecimento tradicional e popular; (6) Compromisso com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental; (7) compromisso com o direito à comunicação e (8)

compromisso com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana (COSTA, 2008), que estão descritos na tabela 1.

Tabela 1. Princípios Norteadores da educomunicação socioambiental.

PRINCÍPIOS NORTEADORES DA EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL	
1º - Compromisso com o diálogo permanente e continuado	Educomunicação Socioambiental deve promover a inclusão de atores e perspectivas com valorização de experiências acumuladas, bem como de novos modos de ver e novas formas de fazer, sempre pelo bem comum. Isso exige ampliação dos espaços de diálogo e de argumentação e contra argumentação, dando materialidade à oportunidade do controle social. Uma ação não-competitiva, inclusive no campo ideológico, mas lúcida de seu papel de dar visibilidade e escuta à diversidade. No âmbito de uma política pública, é uma ação constantemente recíproca entre governo e sociedade.
2º - Compromisso com a interatividade e produção participativa de conteúdos	Na perspectiva educadora, toda a produção de conteúdos deve ser aberta e participada sem domínio de tecnologia e de saberes especializados que imponham suas competências por mérito acadêmico. Portanto, ela também põe em questão a reserva de mercado para profissionais de comunicação. O educador popular trabalha nas duas frentes: absorve tanto a educação como a comunicação, não só como dever de instituições e profissionais constituídos, mas a de todo o cidadão que luta pela sustentabilidade
3º - Compromisso com a transversalidade	Uma comunicação para a sustentabilidade socioambiental que não se contente com um discurso especializado em ecologia, mas tenha clareza de suas interfaces com todos os campos de saber envolvidos na questão socioambiental, e com as produções discursivas de função estética, pedagógica, espiritualista, jurídica, histórica, etc.
4º - Compromisso com o Encontro/Diálogo de Saberes	O Encontro de Saberes é a promoção e valorização da união e do contato entre diferentes atores - pessoas, instituições, gerações, gêneros, culturas, territórios, numa atmosfera de respeito mútuo, sempre fortalecidos pela ação dialógica. O Diálogo de Saberes é fundamento metodológico para quaisquer práticas de Educomunicação. Ele é a promoção do contato e diálogo entre práticas, conhecimentos, tecnologias, papéis sociais e políticos. Portanto, uma comunicação socialmente mobilizadora para atuar na formação de alianças e redes, além de favorecer as já existentes.
5º - Compromisso com proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular	A Educomunicação Socioambiental respeita e favorece a autonomia das identidades individuais e coletivas, no contexto das comunidades tradicionais e indígenas. Por isso, se preocupa em prevenir a apropriação indevida de informações, imagens, conhecimentos e tecnologias sociais de comunicação tradicionais e populares, uma vez que grande parte deste patrimônio ainda não está devidamente reconhecido e protegido por lei. Nestes casos, preconiza a lógica da repartição de benefícios , materiais e imateriais,

quando da circulação de bens destas culturas. Cabe ao campo da Educação Ambiental, considerando-se o mesmo princípio, defender o direito de acesso e autogestão das expressões culturais dos povos indígenas e comunidades tradicionais junto aos meios de comunicação de massa.

6º - Compromisso com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental

A Educomunicação Socioambiental visa favorecer e otimizar a organização da sociedade – uma comunidade organizada é um indicador seguro de continuidade e sustentabilidade do processo comunicativo. A democratização pressupõe igualmente condições de acesso, não só à informação socioambiental, mas também aos seus meios de produção e à sua gestão participativa, incorporando os valores democráticos de forma intrínseca às práticas cotidianas e como expressão da subjetividade humana. Desta forma, os processos educomunicativos devem apontar para formas de autonomização das produções e evitar a especialização de círculos profissionais que cumpram este papel em substituição à coletividade.

7º - Compromisso com o direito à comunicação

Significa o reconhecimento da comunicação como um direito humano fundamental. Ele envolve mais que o direito à informação, à liberdade de expressão como condição indispensável à emancipação e ao acesso a gestão dos meios. A Educomunicação Socioambiental pode ser vista como uma prática de democracia, sustentabilidade e liberdade e, nesse sentido, mantém estreita relação com as demais políticas de proteção da vida e promoção dos direitos humanos. Portanto, é um meio de efetivação do direito à comunicação. Assim como fazer educação, fazer comunicação, nesse caso, é mais que um ato profissional. É, sim, um direito e uma ação emancipatória de todo cidadão.

8º - Compromisso com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana

O trabalho da Educomunicação Socioambiental está fundamentado na ética do cuidado e o respeito à diversidade humana, em todos os níveis. Por isso, adota linguagens inclusivas, que não sejam discriminatórias, estigmatizantes, sexistas, racistas, preconceituosas em relação a crenças individuais, ideologias, orientação sexual e identidade de gênero, e que assegurem a visibilidade e a igualdade de oportunidades de participação, manifestação e resposta a todas e todos.

Fonte: Costa (2008).

1.2 Educação Ambiental Crítica: bases teóricas

A EA crítica também denominada como emancipatória, popular e transformadora, pelos teóricos que traçam as bases epistemológicas da EA (LOUREIRO, 2012; GUIMARÃES, 2004; MAIA, 2015), surge a partir das críticas às práticas da EA conservadora desenvolvidas também no contexto escolar. Práticas estas que Loureiro (2012) descreve como obsoletas e que não respondem mais às questões complexas do ambiente.

Para Guimarães (2004) a concepção conservadora de EA não é epistemologicamente instrumentalizada, nem comprometida com o processo de transformações significativas da realidade socioambiental. O autor ainda discorre que essa concepção ao se colocar inapta a transformar uma realidade, conserva o movimento de constituição da realidade de acordo com os interesses dominantes – a lógica do capital.

Desta forma a EA Conservadora tende, refletindo os paradigmas da sociedade moderna, a privilegiar ou promover: o aspecto cognitivo do processo pedagógico, acreditando que transmitindo o conhecimento correto fará com que o indivíduo compreenda a problemática ambiental e que isso vá transformar seu comportamento e a sociedade; o racionalismo sobre a emoção; sobrepôr a teoria à prática; o conhecimento desvinculado da realidade; a disciplinaridade frente à transversalidade; o individualismo diante da coletividade; o local descontextualizado do global; a dimensão tecnicista frente à política; entre outros (GUIMARÃES, 2004, p. 27).

A EA adotada por essa pesquisa é a EA crítica. A palavra crítica está vinculada às reflexões e formulações produzidas pelo Instituto de Pesquisa Social, conhecido como Escola de Frankfurt, fundado em 1923 por um grupo de intelectuais com objetivo de contribuir com pesquisas que permitissem compreensão crítica e global da sociedade contemporânea. Para tal se usou do método dialético formulado por Karl Marx em diálogo com outros pensadores dentre eles Weber e Hegel em busca de uma atuação transformadora das relações sociais (LOUREIRO, 2005).

O método dialético, sucintamente, pode-se apresentar como sendo um caminho de pensar e agir relacional e integrador voltado para o entendimento das múltiplas determinações e contradições que definem a história, num contínuo movimento, e para transformação social, pensando esta como sendo a vinculação entre mudanças objetivas, subjetivas, culturais e da estrutura econômica (LOUREIRO, 2005, p. 327).

Além do método dialético de Marx, inerente ao processo de formulação e consolidação da EA crítica, a pedagogia libertária de Paulo Freire também fundamenta essa vertente da EA. As concepções freireanas se basearam na tradição dialética histórica marxista. Freire discorre sobre o modelo de educação fundamentalmente dissertativa e a ela refere-se como “educação bancária”. Nela o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos

conteúdos de sua narração, os educadores como depositantes e os educandos como depositários (FREIRE, 1968).

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1969, p. 81).

Freire (1969) propõe uma educação que seja problematizadora, onde o professor(a) e o aluno(a) possam construir conhecimento no diálogo levando em conta os aspetos da realidade do aluno(a) para que esse possa se transformar e como consequência transforma sua realidade.

A EA crítica, diferente da EA conservadora que entende o ambiente apenas em sua dimensão natural, adota uma perspectiva socioambiental de ambiente e assume um papel de diálogo entre seus constituintes negando o monólogo e as várias dicotomias que historicamente foram estabelecidas.

A EA crítica promove a conscientização e esta se dá entre o “eu” e o “outro”, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida (LOUREIRO, 2012, p. 34).

A EA crítica (2005) objetiva promover ambientes educativos de desvelamento da realidade e consequente intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para superação das armadilhas paradigmáticas propiciando processos educativos problematizadores, e que nesse exercício, os envolvidos no processo sejam educandos e educadores contribuindo assim na transformação da grave crise socioambiental.

A tendência crítica em EA apresenta como características:

Compreensão complexa do ambiente; busca da realização da autonomia e liberdades humanas em sociedade, redefinindo o modo como nos relacionamos com a nossa espécie, com as demais espécies e com o planeta; atitude crítica diante dos desafios que a crise civilizatória nos coloca, partindo do princípio de que o modo como vivemos não atende mais aos nossos anseios e compreensão de mundo e sociedade e de que é preciso criar novos caminhos; politização da problemática ambiental em sua complexidade; entendimento da democracia como condição para a construção de uma sustentabilidade substantiva; convicção de

que a participação social e o exercício pleno da cidadania são práticas indissociáveis da EA e da democracia; preocupação concreta em estimular o debate e o diálogo entre as ciências, redefinindo objetos de estudo e saberes (LIMA, 2002, p. 24).

A EA crítica se apresenta como uma EA bem fundamentada e que busca atrelar a teoria à prática que resulta como consequência em *práxis*, buscando superar a mera transmissão de conhecimentos ecologicamente corretos, no sentido de adestramento, como cita Guimarães (2004) é desviar os educandos e educadores das armadilhas paradigmáticas. E promover a construção do conhecimento de forma contextualizada considerando todos os envolvidos no processo pessoas capazes de contribuir e aprender.

Segue-se o pensamento de que a EA que se propõe crítica busca:

Propiciar a vivência do movimento coletivo conjunto de coesão. Estimular a percepção e fomentação do ambiente educativo como movimento. Potencializar o surgimento e a formação de lideranças que dinamizem o movimento coletivo de resistência. Desmistificar a percepção que o processo educativo não se restringe ao aprendizado dos conteúdos individualizado dos conteúdos escolares, mas na relação como o outro e com o mundo. Estimular a autoestima dos educandos e educadores. Possibilitar que o processo pedagógico transite das ciências naturais às ciências humanas e sociais, da filosofia à religião, da arte ao saber popular buscando a articulação dos diferentes saberes (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

Além disso, a EA almeja considerar o homem enquanto ser passível de sentir (no sentido de emoção, amor, felicidade, tristeza, injustiça) e exercitar a emoção como forma de desconstrução de uma cultura individualista e racional, e a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, busca também estimular à crítica do que está estabelecido (GUIMARÃES, 2004): como se vestir, como se comportar, o que comer, o que comprar, o que falar, qual emissora assistir, qual programa acompanhar, como o corpo deve ser, enfim como pensar e agir como existir. E pela prática de seus princípios empoderar-se (TASSARA; TASSARA; ARDANS, 2015).

A EA é uma complexa dimensão da educação, que pode ser caracterizada por uma grande diversidade de teorias e práticas, originadas em função de diferentes concepções de educação, de meio

ambiente, de desenvolvimento (SAUVÉ; ORELLANA, 2001). Por isso mesmo, não se pode entendê-la no singular: inúmeras são as percepções

sobre a EA, permitindo desse modo que diferentes práticas educativas, desenvolvidas em diferentes espaços, sejam identificadas como de EA (LAYRARGUES, 2002).

Sendo a educomunicação socioambiental uma metodologia e uma área do conhecimento que possibilita o desenvolvimento da EA crítica no contexto escolar, a seguir, nesse material, será descrito um encaminhamento metodológico para elaboração de peças educ comunicativas, como sugestão, tal encaminhamento metodológico visa o desenvolvimento de situações que levem os alunos(as) a se apropriarem do meio onde eles vivem percebendo as relações existentes entre a sociedade e a natureza na sua profundidade.

Ressalta-se aqui que a prática proposta a seguir é fundamentada nos pressupostos da EA crítica e da educomunicação visando a integração entre a teoria e a prática, pois considera-se a prática e a teoria dissociadas entre si não garantem que os alunos(a) se apropriem da real crise civilizatória em que o planeta se encontra. Além disso a educomunicação garante uma prática pautada nos interesses dos jovens e dos adolescentes entrando no “mundo” deles, deixando a prática muito mais interessante.


**SUGESTÃO METODOLÓGICA
PARA A ELABORAÇÃO DE
PEÇAS EDUCOMUNICATIVAS
NA ESCOLA**



Passo 1:

Levantamento do

Tema Gerador

 Esse passo pode ser aplicado de duas maneiras: na primeira o professor(a) deixará livre o levantamento do tema a ser trabalhado por meio de temas geradores. Para o levantamento do tema gerador o professor(a) deve orientar seus alunos que tal processo apresenta viés democrático e dialógico, devendo estimulá-los seus alunos a exercitarem o pensamento crítico de acordo com a fundamentação teórica da EA crítica e da educomunicação socioambiental.

O tema gerador pressupõe um estudo da realidade da qual emergirá uma rede de relações entre situações significativas numa dimensão individual, social e histórica e uma rede de relações que orientarão a discussão da interpretação e representação da realidade. Pressupõe uma visão da totalidade e abrangência dessa realidade e a ruptura do conhecimento a nível comum. Pressupõe uma metodologia dialógica: metodologia de trabalho que tenha diálogo em sua essência que exija do educador uma postura crítica, de problematização constante, de distanciamento, de estar na ação e de se observar e se criticar nessa ação, trabalho que aponte na direção da participação, na discussão do coletivo (ANTUNES¹).



Sugere-se que o tema gerador seja levantado por meio de uma conferência. Segue como sugestão uma sequência de ações para consolidação dessa etapa:

¹ http://ead.unifreire.org/pluginfile.php/1899/mod_resource/content/1/CADERNO%20FORMACAO.pdf

- ✓ Separe a turma em grupos;
- ✓ Entregue materiais como cartolinas, lápis, caneta, canetões para que escrevam suas propostas;
 - ✓ Estipule um tempo
 - ✓ Reúna a turma e numere os grupos para o início da apresentação das propostas;
 - ✓ Após a apresentação das propostas, de forma democrática, o tema deve ser escolhido. Nessa etapa o professor (a) facilitador(a) deve deixar claro para seus alunos(as) que este processo visa a transformação da realidade em nível coletivo. Dessa forma os anseios coletivos devem se sobressair sob os anseios individuais;
- ✓ Elegido o tema agora é só produzir!



Na segunda maneira o professor (a) dará o direcionamento necessário para sua disciplina por meio de palavras geradoras realizando o levantamento do tema com o assunto pré-estabelecido. Como condução metodológica sugere-se os mesmos passos descritos para o levantamento do tema gerador.

Passo 2:

***Diagnóstico participativo
socioambiental***



Para que o professor (a) dê início a produção das peças educacionais socioambientais em sua escola, ele deve levar em consideração as peculiaridades da escola e das várias comunidades de onde está inserida. Sugere-se aqui para efetivação desse levantamento preliminar a realização de um diagnóstico participativo.



Segue sugestão da aplicação do diagnóstico socioambiental participativo para o contexto escolar:

✓ Recorte duas tarjetas de papel e escreva potencialidades e problemas, monte um painel com as tarjetas;

✓ Recorte outras tarjetas e entregue para seus alunos para que escrevam possíveis problemas e potencialidades relacionados com o tema já proposto;

✓ Antes da montagem do painel com as potencialidade e problemas que os alunos diagnosticaram, peça para que eles expliquem o porquê consideram determinada palavra ou situação um problema ou uma potencialidade.

✓ O painel tomará forma e o professor (a) juntamente com seus alunos (as) poderão visualizar o caminho que decidirem ser o melhor a seguir para a produção da peça educ comunicativa socioambiental.

Segue exemplo de um painel produzido por meio de um diagnóstico socioambiental participativo no Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha - Guarapuava - PR. Em vermelho os problemas em azul as potencialidades (FIGURA 1).



Para saber mais
sobre diagnóstico
socioambiental
participativo
acesse:
www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_15pdf
34 a 59. páginas

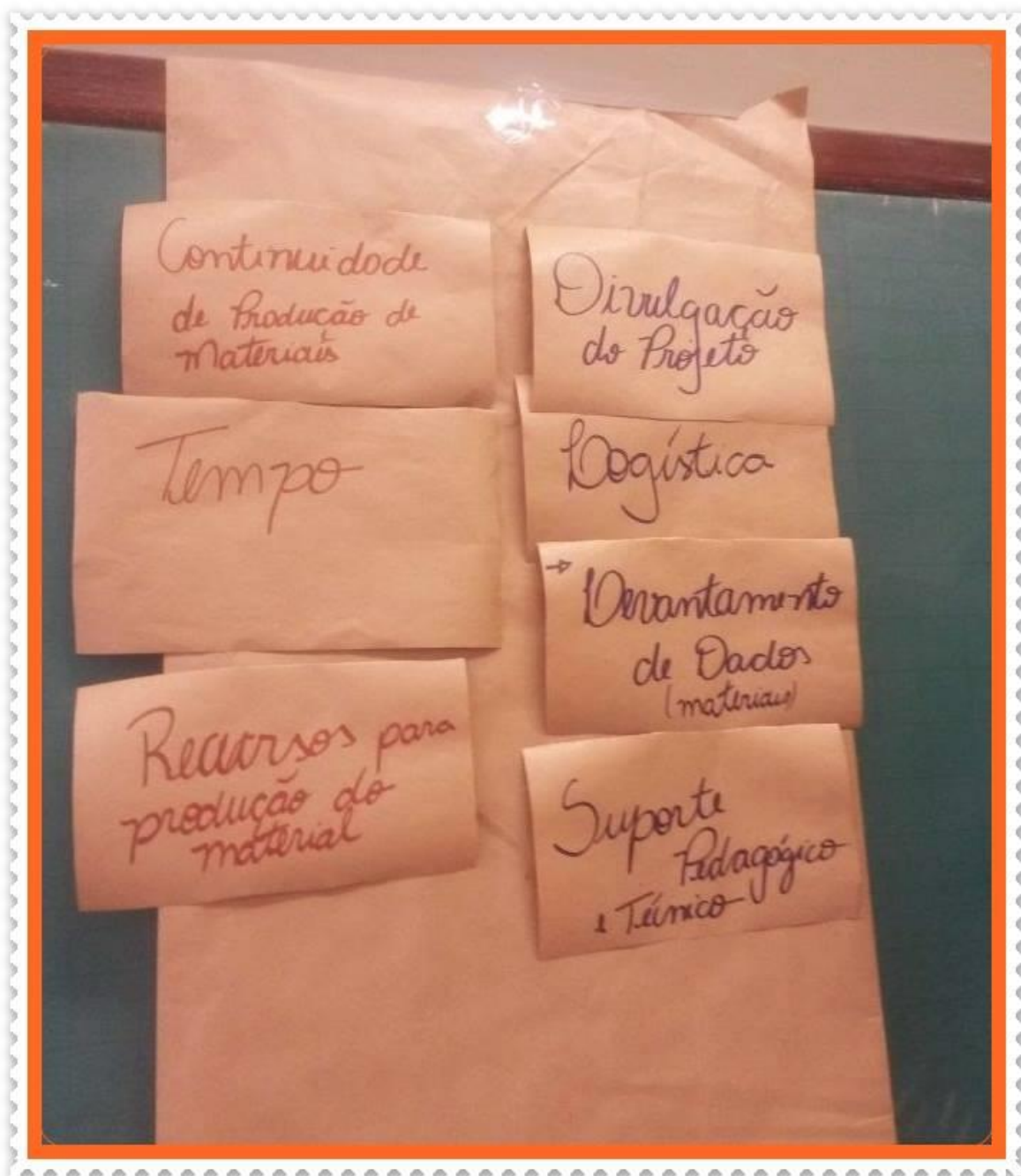


Figura 1. Painel

Fonte: Autora (2015).



Passo 3:

*Escolha do tipo da peça e
aprofundamento teórico do
tema gerador*

Nessa etapa o próximo passo será a escolha do tipo de material a ser produzido, bem como o aprofundamento teórico do tema gerador. Para o desenvolvimento dessa etapa sugere-se os seguintes passos:

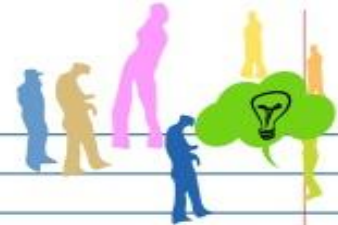


- ✓ Prepare o aprofundamento teórico sobre o tema escolhido o aprofundamento pode ser trabalhado no formato de uma palestra ou através de um vídeo por exemplo. Pode ser também um conteúdo do livro didático já trabalhado em sala de aula;
- ✓ De forma dialógica escolha o tipo de peça educamunicativa com seus alunos (as), dentro das possibilidades que a escola oferece.



- ✓ É importante ressaltar que esta etapa deve ser realizada após o diagnóstico socioambiental participativo, uma vez que através do diagnóstico é possível levantar as possibilidades que o colégio apresenta para a produção de peças educamunicativas.
- ✓ As peças educamunicativas podem ser panfletos, mural, cartazes, folders, vídeos documentário, jornais escolares entre outros meios. Como os exemplos demonstrados pelas figuras 2,3,4,5 e 6.





Capa da revista Viração editada pela organização governamental (ONG) viração de educomunicação sem fins lucrativos

Para saber mais sobre a Viração e suas publicações acesse www.viração.org/viração/

Figura 2. Revista

Fonte: www.viração.org/viração/



Jornal mural. Peça educacional de baixo custo, pode ser feito com os recursos disponíveis no colégio.

Serve como um repositório de informações.

Figura 3. Jornal Mural

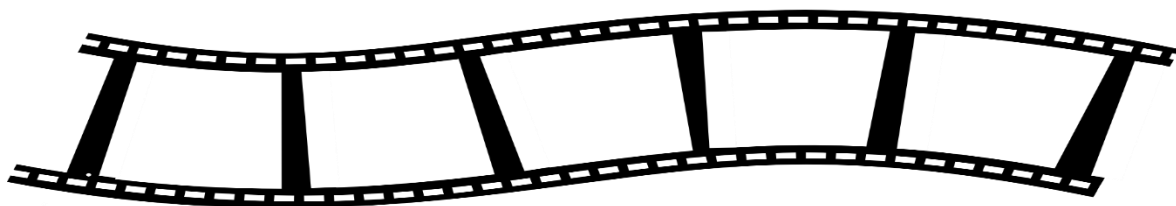
Fonte: arede.info/vamosler/turma-cria-jornal-mural-voce-sabia/



Figura 4. Vídeo educucomunicativo.

Fonte: www.youtube.com.br

Vídeo educucomunicativo produzido pela Escolar Estadual Dr. Paulo Grassi Bonilha de Itapura – SP. O vídeo faz parte da etapa educucomunicação socioambiental da IV Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente proposta pelo Ministério do Meio Ambiente.



EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: NO CONTEXTO ESCOLAR

Jornal Bimestral Pibid/Unicentro

Guarapuava, setembro de 2014

MAIS EDUCAÇÃO
Educação

Edição Especial

Contexto Histórico dos Jornais escolares no Brasil

Na década de 20, o professor Célestín Freinet inovou seu trabalho escolar passando a realizar aulas-passeio com registro de tudo o que os alunos observavam e divulgando esses textos através de impressões que eram distribuídas para os pais e amigos. Estas atividades levam Freinet a, mais tarde (1927), lançar o livro intitulado "A imprensa na Escola" no qual enumera as inúmeras vantagens de se trabalhar o Jornal Escolar como: a melhoria da compreensão, leitura, produção e interação com a comunidade escolar. Assim inicia a imprensa na escola. Desde então, disseminouse por todo o mundo e, hoje, mais do que nunca, pode-se perceber sua importância. Os jornais escolares passam a fazer parte do projeto pedagógico das escolas e manifestam uma visão de educação que se sustenta no respeito pela expressão dos alunos.

"Ciências & Movimento: universidade em ação"

O Projeto "Ciências & Movimento: universidade em ação" proposto pela Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro, aconteceu no Colégio Estadual Antônio Tupy Pinheiro através de oficinas ministradas por acadêmicos da Unicentro e da Faculdade Guaracá que atua como parceira. Em entrevista a Prof. Ana Lúcia, coordenadora do projeto relata: "Pessoalmente estou permanentemente aprendendo com o cotidiano de várias escolas da educação básica ao coordenar um projeto de extensão que almeja tornar o ensino de ciências fascinante. O projeto é muito bem acolhido pelos diretores, equipe pedagógica e professores que criam mecanismos para que o mesmo aconteça em meio ao ano letivo em andamento". E finaliza enfatizando que "para as escolas o projeto possibilita um contato com equipamentos e metodologias de ensino que consideramos inovadoras visando deixar o ensino de ciências mais dinâmico".

Caroline de Cássia Soares 7º D; Carla Isabella Voggerau 9º B; Mônica De Lara 7º A; Marya Hedanda de Oliveira 9º B. Em conjunto com Elizabete França Mestranda da Unicentro.

"A proposta é levar até as escolas uma maneira diferente e ao mesmo tempo lúdica de ensinar e aprender"



Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Crisóstimo
Coordenadora do Projeto

Jornal Mais Educação - Edição Especial

1

As Formas da Natureza

A oficina aconteceu no dia 28 de maio de 2014, na turma do 6º B, teve como objetivo desenvolver nos alunos a capacidade de observação, coleta de dados e a sistematização para a produção de conhecimento científico. Foi realizada pelos acadêmicos da Unicentro, que apresentaram uma atividade diferenciada, mostrando as formas observadas na natureza: ondas, estrelas, esponjas, cobras, galhos, folhas, entre outras, explicando os conceitos científicos relacionados e respondendo as perguntas dos alunos. Foram formados grupos que fizeram pinturas e colagens com materiais diversos, seguindo as formas observadas. Os alunos gostaram muito demonstrando admiração como o que aprenderam e orgulho pela "produção científica".



"Tivemos um dia especial, o pessoal da Unicentro veio falar para nós sobre as formas da natureza. Meu grupo fez sobre as estrelas"

"Eles mostraram como é feita a fotossíntese e como a planta respira. Aí veio a parte mais legal, eles deram folha como desenhos, pintamos, colamos, e fizemos bastante coisas legais..." "Esse dia foi muito legal, ficamos duas aulas estudando sobre as formas da natureza..." Relatam os alunos do 6º B.

Gravidez: Ter ou Não Ter?

(Gislene) A Gravidez: ter ou não ter? Foi ofertada no dia 22/05/2014. Uma oficina muito interessante para os alunos pelo motivo de esclarecer as dúvidas relacionadas ao sexo, com enfoque na gravidez e suas implicações. As palestrantes Jaqueline e Silvana fizeram uma gincana com 8º D sobre a gravidez.

(Flávia) "...Eu acho que gravidez, toda mulher pode ter, mas se a mulher ficar grávida antes de uma certa idade, ela já começa a sofrer um certo bullying. A família apoia, mas a sociedade julga..."

Os alunos videntes vivenciaram a realidade do aluno Cleverson ao vendarem os olhos "Sentimos as dificuldades que o colega tem" afirmou uma aluna do 7º D.

Repórter: Alunos: Lourival e Naéli.
Entrevistado: Aluno Cleverson - Deficiente Visual.



Alunos Participantes da Oficina "veja o mundo com outros olhos"

AGRADECIMENTOS:

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Crisóstimo; Beatriz Aparecida Neves; Josimarci Kanocha Joazele; Angelita Kaminski Bonafino Cleverson Pontes; Professores da Colégio Tupy que receberam as oficinas Alessandra Burda; Elizabete França; Monitoras do Mais Educação e Capes



2

Figura 5. Jornal impresso

Fonte: Autora (2015)

Jornal impresso produzido no Colégio Estadual Antônio Tupy Pinheiro pelos alunos do Mais Educação em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO. O jornal foi editado no programa de edição de texto *Scribus 1.4*. O tutorial desse programa está em anexo nesse material.

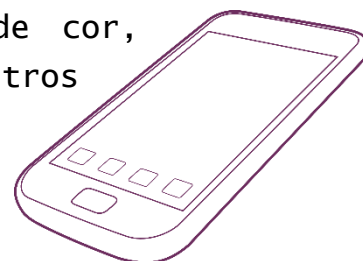


Passo 4:

*Levantamento de dados,
construção de um banco
de informações.*

Essa etapa irá depender do tipo de peça educacional produzida e do viés a ser empregado, por isso é necessário que se construa um banco de dados referentes ao tema escolhido como textos, desenhos, fotografias, entrevistas, pesquisas. Para construção do banco de dados sugerimos os seguintes passos:

- ✓ Entregue para os alunos papéis, lápis de cor, caneta, canetinha, giz de cera e outros materiais que achar ser pertinente;
- ✓ Separe a turma em grupos para que os alunos possam elaborar de forma dialógica o conteúdo da peça educacional.



- ✓ Como por exemplo um grupo ficará responsável pela coleta de dados caso seja realizada uma pesquisa como entrevistas, pesquisas bibliográficas, captação de imagens por meio de fotografias. Outro grupo ficará responsável pela produção textual. E outro pela produção dos desenhos a serem utilizados em caso de peças impressas como cartilhas, folders, mural ou cartazes. Em caso de documentário peça para que escrevam roteiros a serem seguidos.
- ✓ Esta etapa pode ser realizada durante a aula ou em forma de trabalhos extraclasse.





Assim que todos os materiais estejam prontos é hora de montar a peça educucomunicativa. Em caso de materiais impressos o professor poderá utilizar o programa sugerido por esta cartilha, segue em anexo o tutorial como o passo a passo.

Passo 5:

Divulgação



Para esta etapa sugere-se que o professor (a) como facilitadores e direcionador do processo de criação das peças educucomunicativas desenvolva de forma dialógica com seus alunos estratégias para ação de divulgação levando em consideração os objetivos da peça educucomunicativa, o público a ser atingido entre outros aspectos pertinentes aos anseios de seus alunos que são os atores desse processo.



A sugestão metodológica apresentada nesse material foi aplicada, como parte da pesquisa de mestrado intitulada “Educomunicação socioambiental: uma proposta metodológica para inserção da educação ambiental crítica no contexto escolar” no Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha do município de Guarapuava – Paraná, junto a professores (as) das diversas áreas do conhecimento. Como peças educucomunicativas foram elaborados três materiais impressos no formato de folder. Os folders estão socializados nos anexos 2,3 e 4.

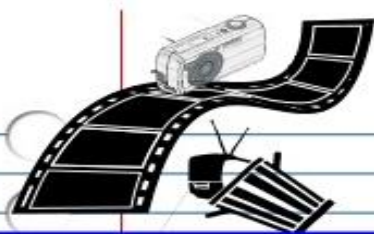
2. Referências bibliográficas.

- ADORNO, T. L. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 190 p.
- BRASIL. Constituição (1999). Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. Dispões sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Dispões Sobre A Educação Ambiental, Institui A Política Nacional de Educação Ambiental e Dá Outras Providências**. Brasília, 27 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 01 fev. 2016.
- COSTA, F. de A. M. da (Org.). **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008. 50 p. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/txbase_educom_20.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1968. 253 p.
- GUIMARÃES, M. **Dimensão Ambiental na Educação**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2005. 107 p.
- GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-34. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2016.
- GUIMARÃES, R. A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento. In: VIANA, Gilney (Org.). **O desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 43-71.
- KAPLÚN, M. **A 1a educación por la comunicación**. UNESCO: Chile, 1992.
- LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S de (Org.). **Educação Ambiental: Repensado o Espaço da Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-220.
- LIMA, G. F. da C. Crise Ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B et al (Org.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 155-165.
- LOUREIRO, C. F. B. Teoria Crítica. In: FERRARO JUNIOR, L. A (Org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 323-332.
- LOUREIRO, C. F. B. Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação ambiental. **Educar em Revista**, [s.l.], n. 27, p.37-53, jun. 2006.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 165 p.
- MAIA, J. S. da S. **Educação Ambiental Crítica e Formação de Professores**. Curitiba: Appris, 2015. 240 p.
- PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998. 342 p.
- PERUZZO, C. M. K. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. In: PAIVA, R. **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Petrópolis: Mauad, 2007. p. 69-94.
- SAUVÉ, L; ORELLANA, I. A formação continuada de professores em educação ambiental: a proposta do EDAMAZ. In: SANTOS, José Eduardo do; SATO, Michèle (Org.). **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001. p. 273-287.

SOARES, I. de O. **Rádio na escola: a palavra viva**. Carta capital, São Paulo, n.9, p. 44-46, 2006.

SOARES, I. de O. **Educomunicação o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do Ensino Médio. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. 102 p.

TASSARA, E. T. de O; TASSARA, H; ARDANS, H. O. Empoderamento (versus empoderar-se). In: FERRARO JUNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e Caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. 3. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2015. p. 155-165.





ANEXO 1- Tutorial do Programa de edição de textos *Scribus*



Caro professor(a) ao fim deste tutorial você será capaz de desenvolver um produto utilizando a ferramenta *Scribus*, que auxilia na produção de revistas, jornais, folders, entre outros. Inicialmente será apresentado a ferramenta e suas principais finalidades.

Mas afinal o que é o scribus?

O *Scribus* é um programa *opensource*, ou seja, seu código e sua documentação são abertos, e sua licença de utilização é gratuita.

Este aplicativo encontra-se disponível para as plataformas Linux, windows, Mac OS, entre outros sistemas operacionais. A partir deste programa é possível criar apresentações, cartões, jornais, folders, pôsteres, revistas entre outras mídias de comunicação e divulgação.

Este tutorial é baseado na versão 1.4.4, uma versão anterior a atual disponível, mas podendo ser facilmente estendido a qualquer uma de suas versões, porém as versões anteriores são privadas de algumas funcionalidades que as mais recentes possuem.

Baixando e Instalando o Scribus 1.4.4

O *Scribus* pode ser encontrado facilmente na internet em sites de downloads gratuitos, pois é uma ferramenta *opensource*, e se encontra disponível nos grandes repositórios de download porém pode ser baixado diretamente deste site, <http://wiki.scribus.net>, que contém as informações necessárias para download e instalação da ferramenta. Neste site também se encontram links de tutorias para iniciantes, e outras informações importantes que são disponibilizados pelos próprios desenvolvedores do *Scribus*.



Para quem utiliza Windows, que é o Sistema operacional da grande maioria dos computadores atuais, após baixar o instalador, o mesmo deve ser executado e para continuar a instalação basta seguir os passos definidos pelo instalador, escolher uma pasta para salvar o programa, e seguir com a instalação até que esta seja concluída;

Para quem utiliza a plataforma Linux, independente de sua distribuição pode fazer o download e instalação diretamente pelo terminal usando os comandos padrões. Por se tratar de uma ferramenta de código aberto, de mesma natureza do sistema operacional, algumas distribuições para fins educacionais já possuem uma versão instalada, e aquelas que não possuem pode se baixar a ferramenta com o simples comando, que garante a instalação em poucos minutos.

Conhecendo a ferramenta

Ao abrir a ferramenta, a tela inicial aparece. Na versão 1.4.4 a tela que será aberta é a que está na representada da figura 1, nas versões anteriores uma tela semelhante a esta é aberta, podendo seguir os mesmos passos, para a escolha da opção desejada.

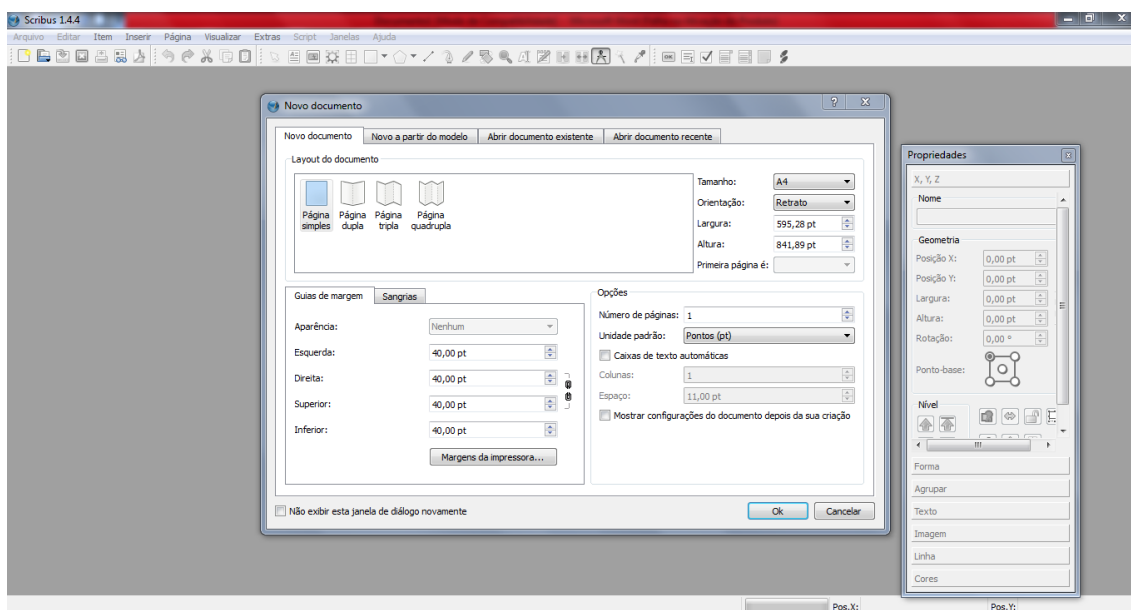


Figura 1. Tela inicial da ferramenta *Scribus*.

A partir daí, pode começar a trabalhar com esta ferramenta! O programa abre uma caixa de opções de um novo documento, aqui você pode escolher quais serão as propriedades do seu produto, podendo gerar uma mídia a partir de um modelo já existente, ou ainda criar um novo documento conforme a sua necessidade e com as características que deseja. A figura 2 apresenta a página para a criação e as propriedades do documento a ser editado.

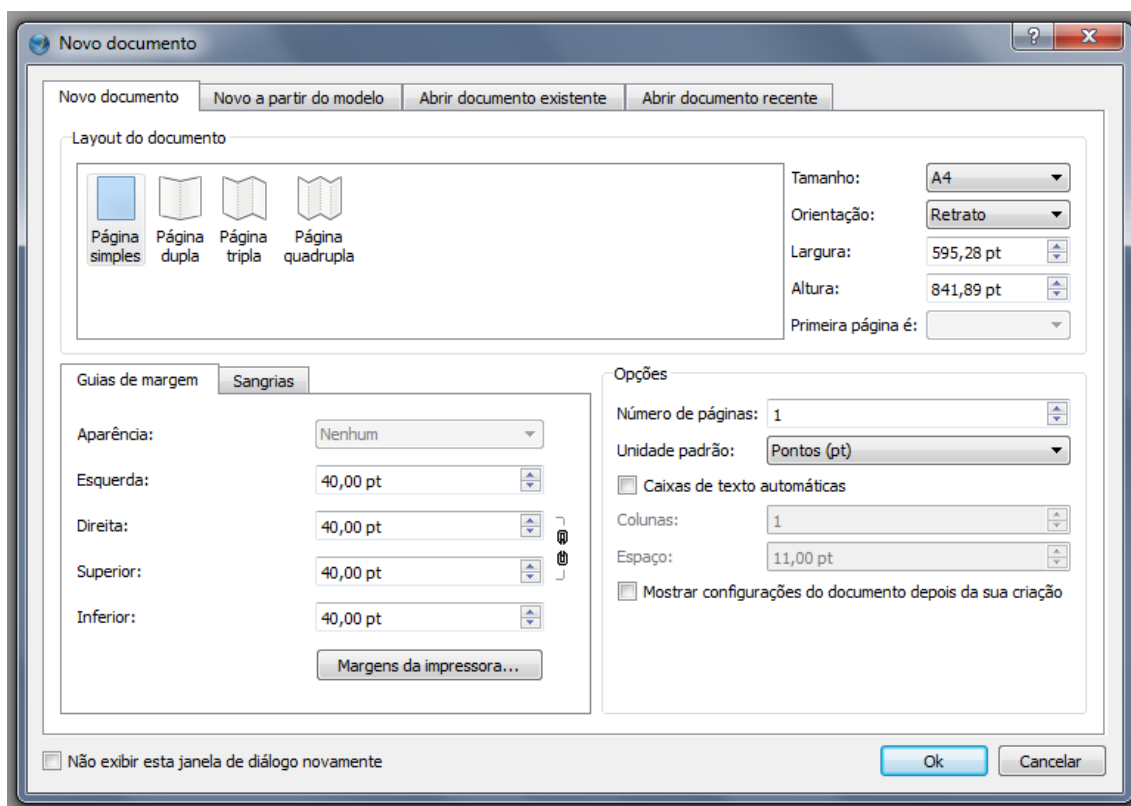


Figura 2. Criação e propriedades do documento

As opções são bem claras e objetivas, e ao escolher o layout que deseja e definir as orientações do mesmo, é hora de clicar em ok, para que as configurações escolhidas sejam aplicadas ao novo documento.

Barra de ferramentas do *Scribus*

Nesta barra de ferramentas (FIRURA 3) estão os ícones de todas as funcionalidades que o programa oferece, desde a edição de textos, a criação de camadas e páginas modelos que são algumas propriedades úteis para a criação de qualquer produto capaz de ser desenvolvido pelo programa.



Figura 3. Barra de ferramentas



As próximas imagens mostram os ícones e suas funcionalidades, bem como em qual categoria da barra de tarefas pode ser localizado cada item que é importante para a produção de qualquer produto.

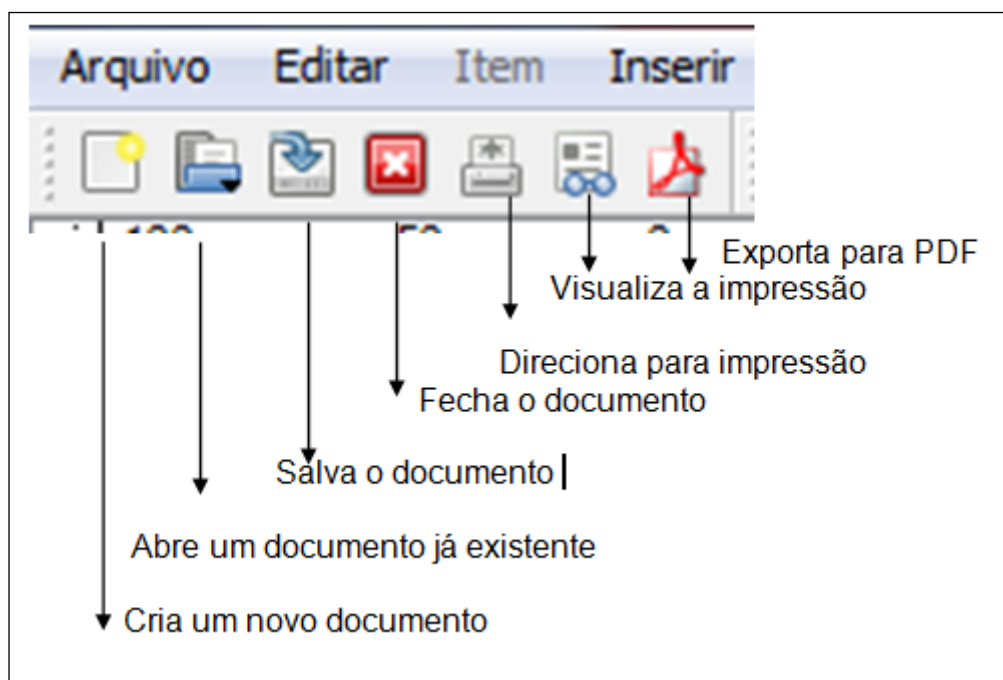


Figura 4. Barra de ferramentas

Menu Arquivo

No menu de arquivo, estão as funcionalidades: como salvar, abrir, importar projeto, exportar, imprimir, visualizar impressão, as configurações do documento entre outras. Este menu apresenta semelhanças ao layout padrão definido por editores de texto comum para facilitar o uso desta ferramenta como por exemplo o word.

Menu Editar

No me Editar estão as: opções de copiar, colar, refazer, desfazer, selecionar, editar imagens, cores do documento, ou seja, tudo que pode ser editável, referente ao conteúdo do documento criado.



Menu item

No menu item estão as opções referentes a cada item inserido no documento, seja ele, uma caixa de texto, uma caixa de imagem, ou outro item.

Menu Inserir

No menu inserir, estão as opções de se inserir novos itens ao documento tais como: uma caixa de texto, uma caixa de imagens, uma auto forma, entre outras.

Menu Janelas

No menu janelas estão as características referentes às páginas modelo, que são componentes importantes de um trabalho feito no *Scribus*.

Ícones úteis e importantes

As figura 5 e 6 apresenta os ícones da barra de ferramenta 2 e 3, respectivamente, legendados pra um melhor entendimento.

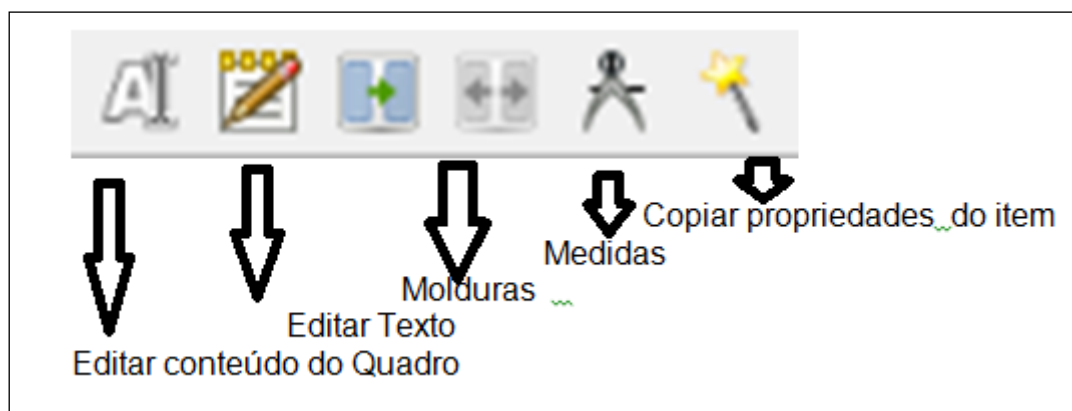


Figura 5. Ícones da barra de ferramenta

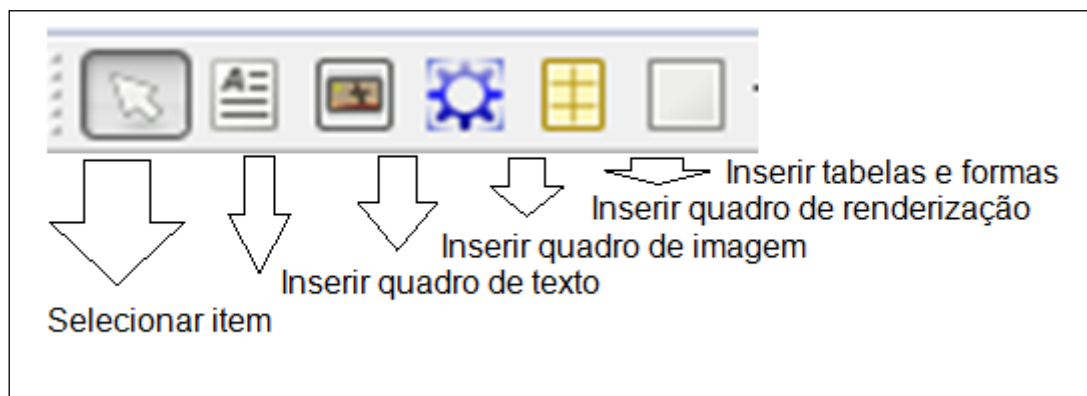


Figura 6. Ícones da barra de ferramenta 3

Agora que já conhece um pouco mais sobre a funcionalidade do programa de edição de texto Scribus. A seguir está sistematizado um tutorial prático para a produção de um jornal, uma vez que os jornais escolares se configuram como uma ótima opção de peça educacional podendo ter periodicidade a medida que os temas vão surgindo para pautas de discussão. Caso não tenha tempo para a formatação do jornal o programa apresenta modelos prontos a serem utilizados.

OBS: É IMPORTANTE LEMBRAR QUE A CADA ALTERAÇÃO FEITA EM SEU PROJETO, DEVE-SE SALVAR O PROJETO PARA QUE AS ALTERAÇÕES REALIZADAS NÃO SEJAM PERDIDAS.

Aprendendo um pouco mais com o *Scribus*: tutorial prático para a formatação de um jornal.

Primeiramente, abra um novo documento, pelo seguinte caminho:

Arquivo > Novo, ou ainda através do atalho ctrl + n.

Nesta caixa escolha o formato de página desejada, neste caso foi escolhido o formato de página simples. Escolha também o número de páginas, a unidade padrão de medidas, neste caso em centímetros, habilite a Caixas de texto automáticas, selecione colunas e defina o espaçamento entre elas. Defina também as guias de margem para todas. A figura 7, mostra novamente a primeira página a ser configurada.

Vá para: menu Janelas> Camadas, ou ainda pela tecla de atalho F6.

Ao abrir essa janela dará início as configurações para formatação do jornal:

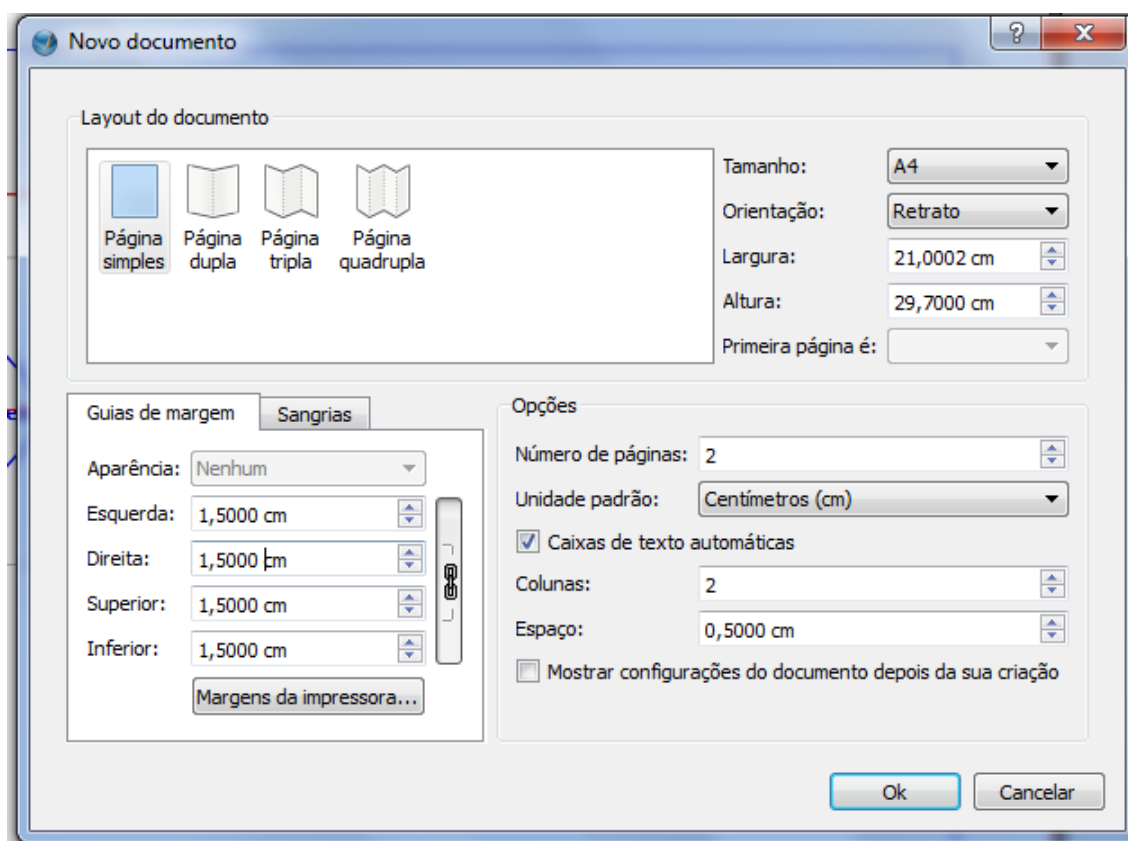


Figura 7. Criando um novo Documento no *Scribus*

DICA: HABILITAR O CADEADO PARA QUE SEJA ATRIBUÍDO O MESMO VALOR A TODAS AS MARGENS.

Para facilitar a estrutura de um projeto no *Scribus*, é necessário utilizar as seguintes ferramentas básicas:

- ✓ As páginas modelo, que servem para definir a estrutura de todas as páginas, aplicando assim a toda a extensão do documento ou somente às páginas que desejar, não necessariamente sendo apenas uma;
- ✓ As Camadas (Tecla de atalho- F6), que servem para organizar itens iguais para melhor tratamento, edição e organização de cada item ex: texto, imagens tabelas;
- ✓ E, e as Propriedades (Tecla de atalho- F2), que se referem às propriedades de cada item inserido, que podem ser alteradas de acordo com a sua necessidade.

Camadas

Primeiramente crie as camadas, tarefa importante para a organização de qualquer projeto. Para isso siga os passos descritos:

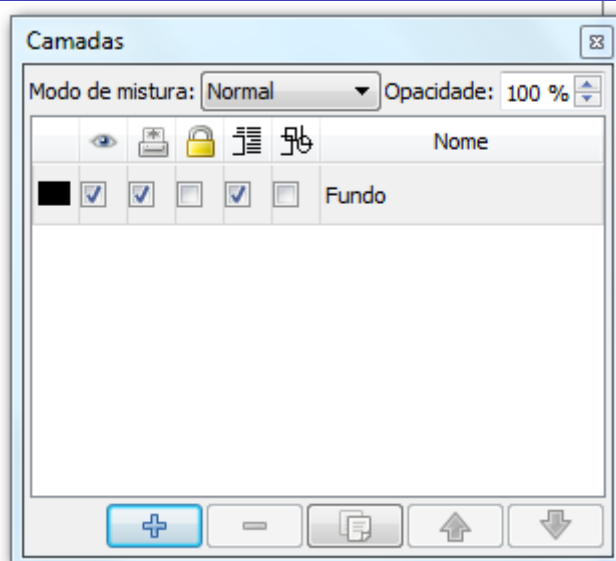
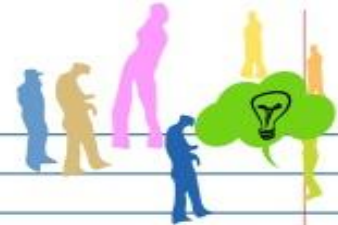



Figura 8. Janela de ferramentas de camadas

Você pode Adicionar mais camadas, e colocar nomes a elas de acordo com a sua necessidade. Neste caso Teremos 3 camadas. Portanto adicionaremos mais duas camadas, e as renomearemos como, Texto, imagens, Formas, ou como preferir.

Para adicionar uma camada é só clicar no botão  e para editá-la é só dar um duplo clique em seu nome.

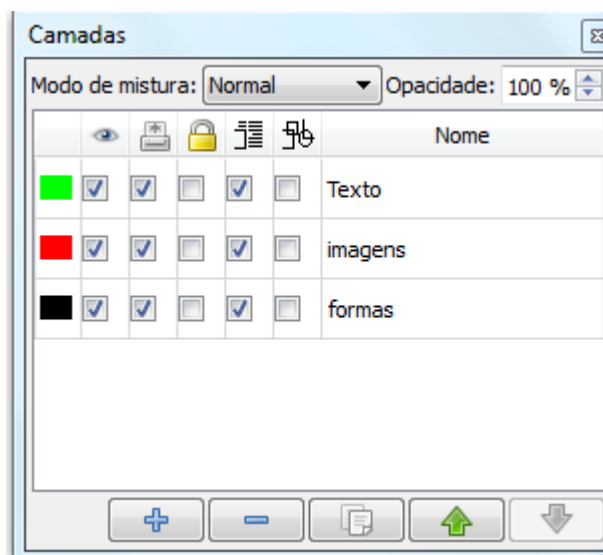


Figura 9 - Janela de ferramentas de camadas 2

Após feito isso terá 3 camadas, e em cada uma iremos adicionar os itens referentes a ela, para compor o jornal.



selecionando a camada texto , ela aparece identificada no final do documento, para que possa ser identificada em qual camada estamos trabalhando. A figura 10 apresenta a barra de ferramentas inferior identificando em qual camada está trabalhando.



Figura 10 - Barra de ferramentas inferior

Páginas modelo

Agora é hora de aprender os conceitos de pagina modelo. Siga os passos descritos a seguir para iniciar a criação de páginas modelo.

Clicar no menu Editar -> Páginas modelos .

Feito isso essa caixa será aberta:

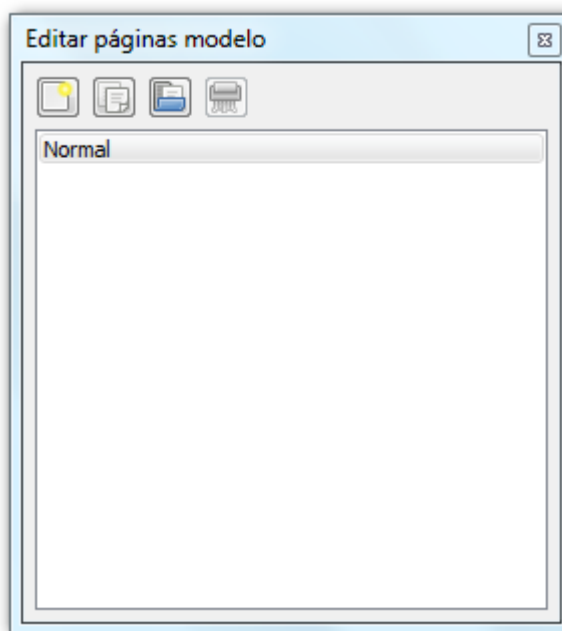



Figura 11 - Janela de ferramentas de Páginas Modelo

Como Está definido por padrão, a página normal será a página modelo para as páginas internas do projeto, porém pode-se construir diferentes páginas modelo.

Para inserir textos, escolha a camada textos, posicione os itens conforme desejar , e assim poderá escrever e editar os textos da mesma maneira cliclando em propriedades para alterar as cores ,



formas e dimensões e neste ícone  para editar o texto como em um editor de texto padrão.

Para a numeração de páginas, crie um campo de texto, coloque no lugar desejado posteriormente dê um duplo clique sobre a caixa de texto, clique em Inserir Carácter>Página número, então aparecerá um asterisco o qual representa o número na página modelo, e assim que fechar esta caixa de propriedades abertas, irá aparecer no final da página.

Geralmente, um jornal possui um cabeçalho e um rodapé, e para criar estes cabeçalhos, use caixas de textos, e para que o mesmo não se confunda com o texto e com os demais itens que serão inseridos posteriormente, pode-se criar uma nova camada.

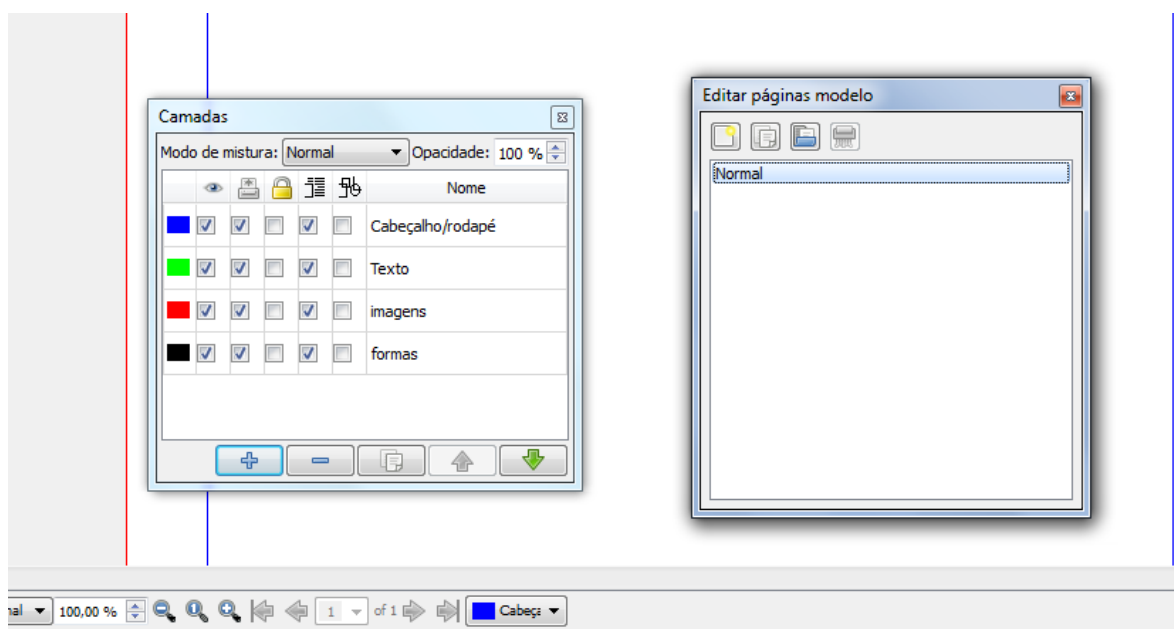


Figura 12 - Janela de ferramentas de camadas 3

Selecionando a camada criada agora pode inserir caixas de textos nos ícones vistos anteriormente, e posicioná-las no canto superior e inferior da página para criar o cabeçalho do jornal. Como mostra a figura 13. Posicionando a caixa desta maneira:

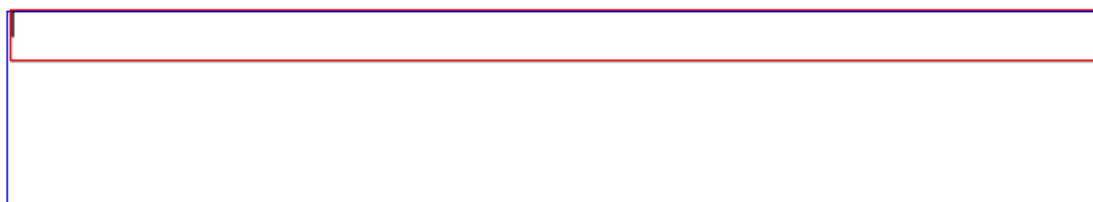



Figura 13 - inserindo Caixa de Texto

Siga o mesmo procedimento para criar o rodapé.



Também, podem ser inserido outros detalhes como linhas, imagens de fundo, tudo isso depende de sua criatividade, explore as funcionalidades do *Scribus* para obter melhores resultados.

Clicando em F2 abrirá a janela propriedades, a partir dela você poderá formatar cores, linhas, imagem e texto de cada item. Pode também alterar o texto do quadro criado clicando neste ícone  da barra de ferramentas.

As janelas que abrirão serão as apresentadas na figura 14, e você poderá editar o conteúdo do texto sempre que precisar.

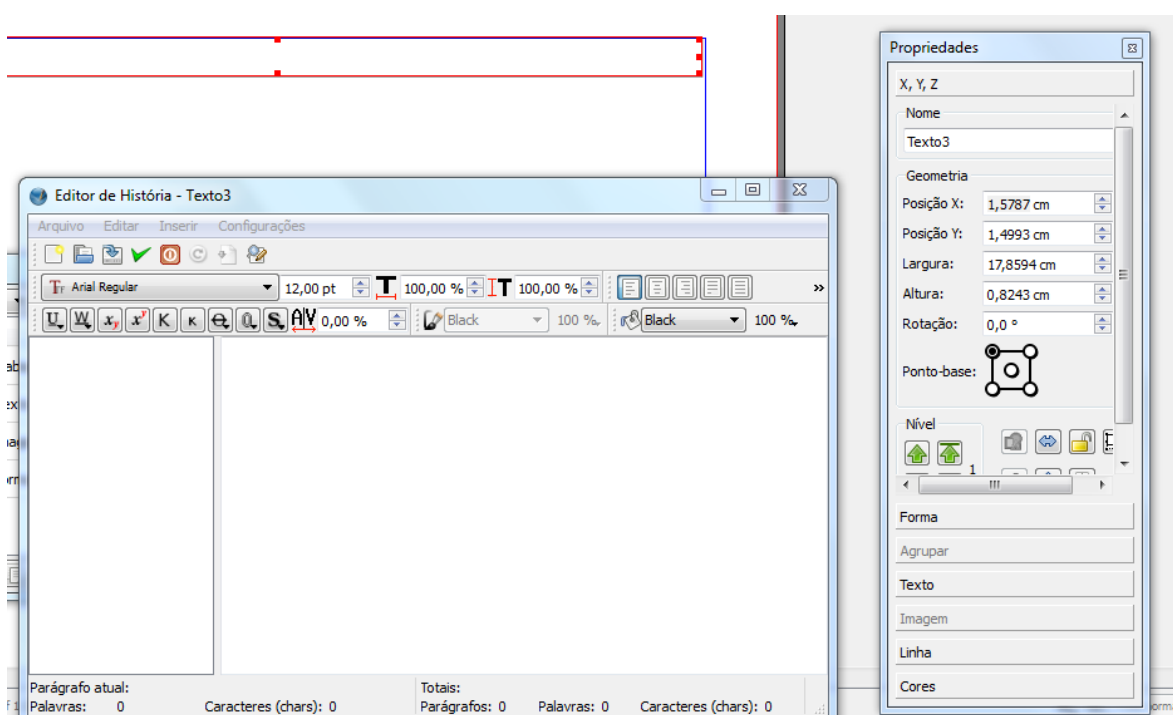



Figura 14 – inserindo e editando a caixa de Texto

Nesta mesma camada ainda vc pode inserir o nome do jornal, como imagem ou como texto, da mesma maneira feita pelo cabeçalho e rodapé.

Para inserir imagens, o processo é semelhante a inserção de textos. Escolha a camada referente as imagens, e na barra de ferramentas clique neste ícone , ao clicar voce coloca o quadro de imagem na disposição que preferir, conforme a sua necessidade, e conforme você está estruturando o seu jornal.



Ao fazer isto terá a seguinte caixa:

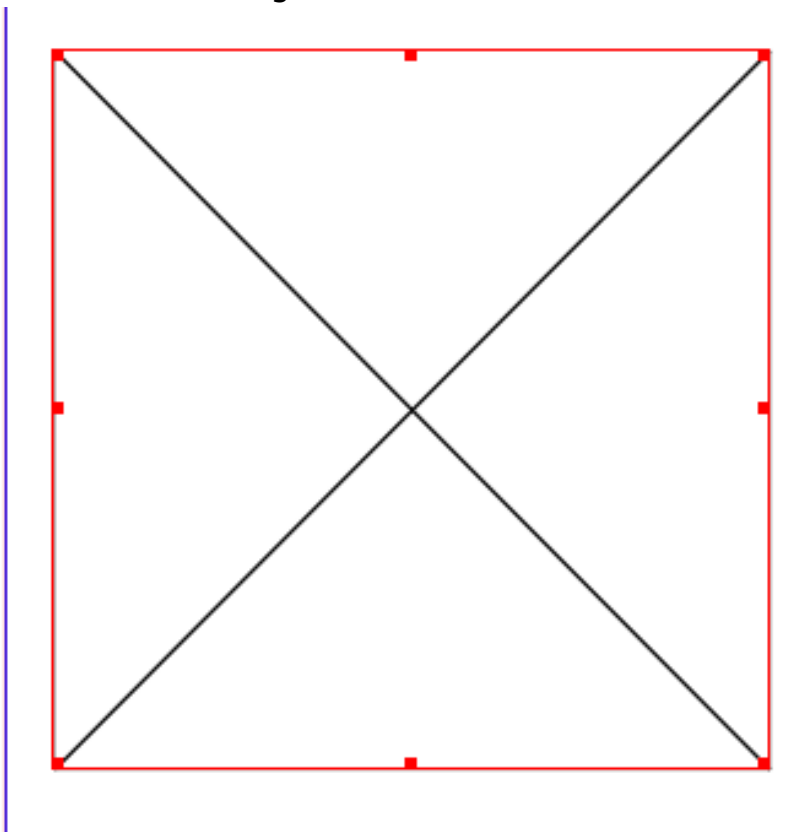


Figura 15 - inserindo imagens

Para inserir a imagem desejada, de um duplo clique no quadro criado, e procure o caminho da mesma em seu computador. Convém salvar as imagens na mesma pasta do projeto, para que o caminho não se altere quando o projeto for aberto novamente. As imagens devem possuir as dimensões semelhantes ao quadro de imagens inserido, caso contrario esta ficará maior ou menor que o quadro. Tem-se a opção de ajustar a imagem ao quadro, porém se não tiverem propriedades de dimesões proporcionais a imagem poderá ficar esticada e de um aspecto não visual.

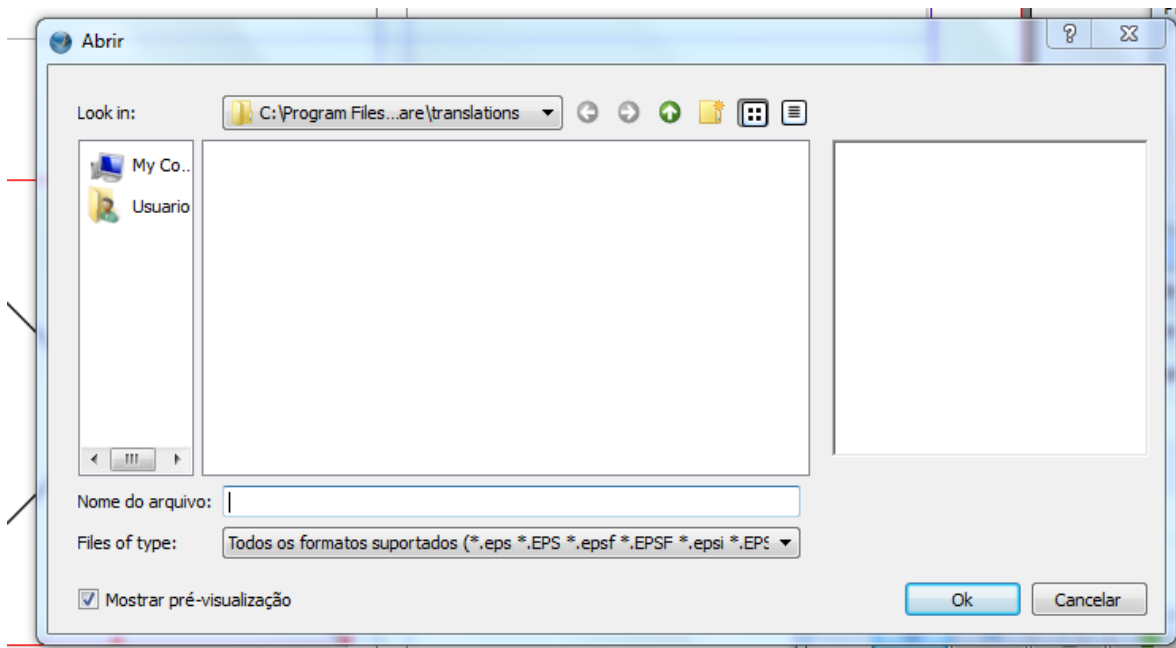


Figura 16 – inserindo imagens 2

Para inserir formas, de maneira análoga as anteriores, deve-se, selecionar a sua respectiva camada, clicar no ícone de forma e escolher a forma desejada, e então dispo-la na posição que desejar, editando-a e alterando suas cores na janela de propriedades.

Agora você sabe as principais funcionalidades do scribus, Basta usar a sua criatividade, e vontade para explorar a ferramenta, e criar a partir dela inúmeros produtos visuais, para a aplicação do conhecimento.

Anexo 2 – Folder Medicina Alternativa: benzedeadas. Peça educucomucativa produzida no Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha seguindo a metodologia sugerida por este material paradidático.



Medicina Alternativa

Chá, pomadas caseiras, infusões de ervas e cromoterapia são alguns exemplos de terapias e remédios diferentes da medicina convencional, não aplicados por médicos formados, mas são reconhecidos como um tipo de medicina alternativa frequentemente usada.

Fonte: <http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/52009/o-que-e-medicina-alternativa>.

Agradecemos a todos que nos ajudaram nessa caminhada principalmente a comunidade da Palmerinha e as benzedeadas que abriram as portas para que esse trabalho fosse realizado sabemos que uma das benzedeadas não pode ver esse trabalho finalizado mas mesmo assim expressamos nosso profundo respeito a sua colaboração. E a todos os alunos do Colégio Estadual de Palmerinha e os que ajudaram na elaboração desse trabalho.

REALIZAÇÃO:

Acadêmicos e Orientadores dos cursos de História, Geografia, Ciências Biológicas e Letras Portugêas do PIBID Interdisciplinar - UNICENTRO, PIBID Geografia - UNICENTRO.

Alunos, Professores e Equipe Pedagógica do Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha.

Docentes orientadores do Estágio Supervisionado em Geografia.

Orientações para a produção do folder:
Elizabete França e Alessandra Burda.

MEDICINA ALTERNATIVA: BENZEDEIRAS





Benzedeiiras

As benzedeiiras promovem a cura das doenças e afastam o mau, pois fazem da oração a principal forma de assistência, fazem o uso de ramos de plantas durante a benzedura.

Por serem consideradas portadoras de um dom divino, as benzedeiiras não costumam cobrar por seus serviços.

Em muitas comunidades, a tradição das benzedeiiras possui ainda um grande prestígio. Há séculos, essas curandeiras combatem os males do espírito e da carne, com orações e remédios caseiros. Espinhela caída, carne quebrada, cobreiro, quebranto, mau-olhado, doenças nervosas e encosto. Elas acreditam ter a solução pra tudo isso.

É, acima de tudo, uma herança familiar. Uma benzedeira aprende o arte da "reza" com a mãe ou com a avó. Há benzedeiiras que começam bem cedo, aos 15 anos de idade, outras um pouco mais tarde. Homens também exercem esse ofício, mas esse tipo de curandeirismo é tipicamente feminino.

Objetos utilizados pelas Benzedeiiras

Os instrumentos de trabalho geralmente são: ramos de ervas e terços, visto que é perceptível a presença forte de costumes religiosos, pois a adesão ao catolicismo é unânime entre elas.

Esse ritual de erva, sempre possibilita formas de sociabilidade e interação entre os membros do grupo social, ainda que em determinados espaços geográficos é cada vez menos comum.

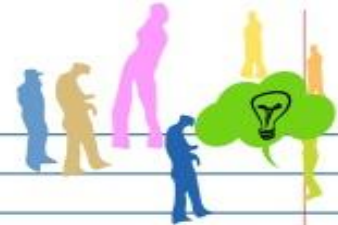
OLIVEIRA ER. O que é benzeção. São Paulo. Braziliense. 1985

Entrevistas realizadas com benzedeiiras da comunidade

Em 2014 foram realizadas 4 entrevistas com benzedeiiras que moram na Palmeirinha e que tem um conhecimento elevado em medicina alternativa, as quais fazem da sala de suas casas um consultório para atender as pessoas. Perguntadas como aprenderam esse ofício simplesmente, responderam que foi com suas mães que, por sua vez aprenderam com suas avós.



Dona Noemia
Benzedeira
da Região



Anexo 3 – Folder “Atividades com plantas realizadas no Colégio do Campo da Palmeirinha”. Peça educacional produzida no Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha seguindo a metodologia sugerida por este material pedagógico.

Introdução

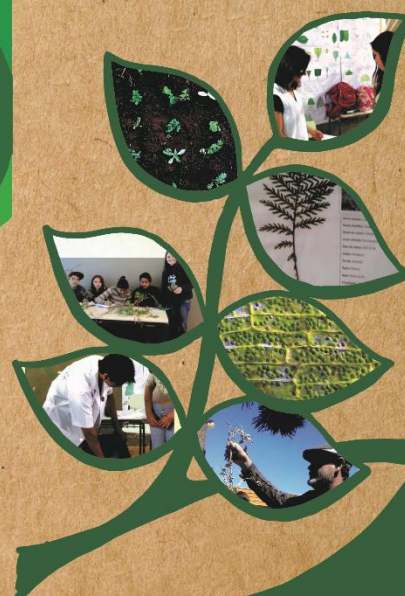
O Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha, juntamente com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Novos Talentos, realizaram na comunidade da Palmeirinha, Guarapuava-PR, trabalhos relacionados a diferentes temas, dentre eles, as folhas, com subsequente oficina de compostagem, produção de canteiros e finalização com o uso de ervas medicinais.



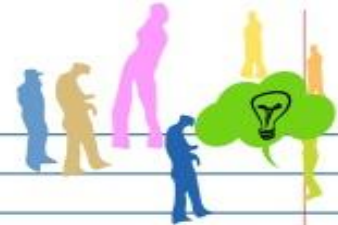
REALIZAÇÃO:

Acadêmicos e Orientadores dos cursos de História, Geografia, Ciências Biológicas e Letras Portugêses do PIBID Interdisciplinar - UNICENTRO, PIBID Geografia - UNICENTRO.

Alunos, Professores e Equipe Pedagógica do Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha.
Docentes orientadores do Estágio Supervisionado em Geografia.
Orientações para a produção do folder:
Elizabete França e Alessandra Burda.



ATIVIDADES COM
PLANTAS REALIZADAS
NO COLÉGIO ESTADUAL
DO CAMPO DE
PALMEIRINHA



Uso das Ervas Medicinais

Espinheira Santa

A espinheira santa é uma planta medicinal que combate às dores de estômago, gastrite, úlcera, dispepsia, azia e *H pylori*. Seu nome científico é *Maytenus ilicifolia*. Essa planta tem ação cicatrizante, anti-inflamatória, anti-ulcerosa, tonificante, calmante, analgésica, antisséptica, diurética e laxante. As partes utilizadas da espinheira santa para produção de chás são as suas folhas, casca e raízes e deve-se tomar no máximo três vezes ao dia.

O chá de espinheira santa pode ocasionar efeitos colaterais como a sensação de boca seca e náuseas, que desaparecem com o uso contínuo do medicamento. Seu uso não é recomendado durante a gravidez e lactação.

Compostagem

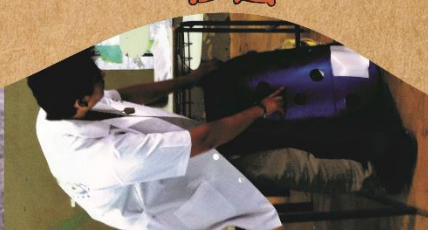
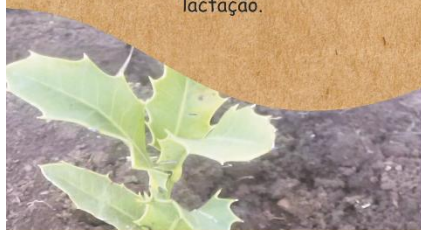
A compostagem é um processo biológico em que os microrganismos transformam a matéria orgânica, como estrume, folhas, papel e restos de comida, num material semelhante ao solo, a que se chama composto ou húmus, e que pode ser utilizado como adubo. Esse processo pode ser realizado com uma composteira: estrutura própria para o depósito e processamento do material orgânico. Foi produzida no colégio uma composteira, apresentada na feira de ciências e posteriormente, instalada na horta da escola.

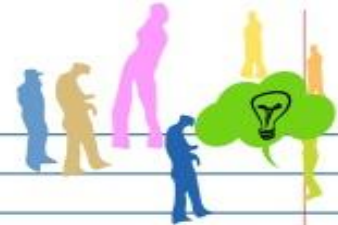
Morfologia das folhas

As folhas possuem diferentes morfologias conforme as variadas espécies existentes.

Essas diferenças são importantes para a classificação e identificação das espécies. Uma folha completa apresenta: Limbo, pecíolo, bainha e estípula. O limbo, a estrutura laminar da folha pode ser classificado quanto à forma, margem, base, ápice, ausência ou presença de tricomas e consistência.

Utilizando-se das diferentes morfologias foliares foram desenvolvidos com os alunos, varios cartazes, diferenciando as formas foliares os quais foram apresentados na feira de ciências.





Anexo 4 – Folder “Domínio Morfoclimático da Palmeirinha”. Peça educacional produzida no Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha seguindo a metodologia sugerida por este material paradigmático.

Segundo a professora integrante do projeto: o Projeto Novos Talentos é muito enriquecedor para o ambiente escolar, de modo geral. Os professores que participam das oficinas tem a possibilidade de atualizar seus conhecimentos, sejam eles específicos ou interdisciplinares. « Aprendemos muito, trocamos experiências, fortalecemos o aprendizado em grupo, estabelecemos uma rede de contatos muito construtiva. Os alunos também se sentem mais animados quando participam das oficinas e eventos realizados na escola. Por fim, construir um trabalho em grupo, envolvendo Universidade e Escola é um desafio para todos, mas creio que participar do projeto foi de extrema valia, para todos os envolvidos».

Depoimento da Professora Paula Saldan.
Ano 2015.

REALIZAÇÃO:

Acadêmicos e Orientadores dos cursos de História, Geografia, Ciências Biológicas e Letras Português do PIBID Interdisciplinar - UNICENTRO , PIBID Geografia - UNICENTRO. Alunos, Professores e Equipe Pedagógica do Colégio Estadual do Campo da Palmeirinha. Docentes orientadores do Estágio Supervisionado em Geografia. Orientações para a produção do folder: Elizabete França e Alessandra Burda.



DOMÍNIO MORFOCLIMÁTICO DO DISTRITO DA PALMEIRINHA





DOMÍNIO ARAUCÁRIAS

O domínio das Araucárias aparece na região sudeste e sul do Brasil, englobando os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Cabe salientar que no sudeste a Mata com Araucárias aparece em regiões com altitudes mais elevadas, nas quais durante o inverno apresentam baixas temperaturas, fator necessário para este ecossistema (Floresta Ombrófila Mista). A *Araucaria angustifolia* é uma gimnosperma aciculifoliada, sendo a espécie mais representativa, tendo ainda a Imbuia, o Cedro, a Erva-Mate, entre outros.

O relevo nestas regiões é bastante diversificado, predominando os planaltos com altitudes mais elevadas, acima dos 500m. Este fator climático é de suma importância para este ecossistema, pois no clima subtropical é comum a ocorrência de geadas no inverno. As Matas com Araucárias também sofreu um grande impacto, principalmente, pelas atividades agropecuárias, onde hoje em dia estão grandes produtores de grãos, como a soja.

DISTRITO DA PALMEIRINHA

